

Por dentro da Semana: imprensa e cultura esportiva a partir de uma revista ilustrada na Salvador dos anos 1920.

HENRIQUE SENA DOS SANTOS*

Introdução

Ainda que de modo heterogêneo e descontínuo, é possível observar, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um processo de modernização da imprensa nas principais capitais brasileiras (MARTINS; DE LUCA, 2008). Paulatinamente, o estilo de produção artesanal, manual e não especializado foi sendo abandonado e os periódicos começaram a ser concebidos no interior de uma lógica empresarial, que envolvia a utilização de novas tecnologias de impressão, por meio do uso de máquinas modernas de rápido processamento que permitiam o aumento da tiragem, da quantidade e melhoria na qualidade dos periódicos.

Com efeito, as transformações da imprensa foram significativamente potencializadas pela introdução, no país, de novas tecnologias, que ampliaram os sistemas de transporte e comunicação. A partir das últimas décadas do século XIX, assistiu-se, no Brasil, a chegada e/ou difusão do cabo submarino, do telégrafo, do telefone, do gramofone, do cinematógrafo, dentre outras invenções que favoreceram a constituição de novas sensibilidades e sociabilidades que afetaram de forma direta a imprensa. (SUSSEKIND, 1987; SEVCENKO, 1992).

É nesse bojo que a imprensa tornou-se um lugar central de divulgação e difusão das práticas esportivas. Alguns estudos já afirmaram que, na transição dos séculos XIX e XX, o futebol, o remo, o críquete e o turfe entre outras atividades atléticas eram incorporadas ao cotidiano de várias cidades do país e fomentaram, como o cinema e a moda, o desenvolvimento de uma cultura urbana e novas formas de sociabilidade. (LUCENA, 2000; MELO, 2011). Sobretudo na década de 1920, os esportes estiveram envoltos pelo discurso eugênico, que os entendia enquanto fundamentais para o fortalecimento racial da nação. (SEVCENKO, 1992; SEVCENKO, 1994)

Os jornais e revistas foram suportes fundamentais para a divulgação das práticas esportivas. O processo de modernização da imprensa, aliado ao crescimento urbano, ensejou o

* Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus de Assis: email: henrisena@hotmail.com

surgimento de colunas específicas para a temática, a publicação de fotografias de partidas, atletas e dirigentes, cujas opiniões eram registradas em entrevistas. Ao lado da divulgação dos campeonatos, partidas, regatas e outros eventos do gênero, delineava-se a formação de uma cultura esportiva, estimulando a criação de clubes e ligas e difundindo o discurso de regeneração e fortalecimento racial via atividades atléticas. Tendo este vista tal cenário, a proposta deste texto é discutir a presença da revista ilustrada a *Semana Sportiva* que circulou na imprensa de Salvador nos anos 1920.

Antes da Semana

Em Salvador, entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas da centúria seguinte as práticas esportivas se desenvolveram modo muito descontínuo. As modalidades mais comuns eram o críquete, o remo e, principalmente, o futebol. Esta última, pela sua simplicidade, desde as suas primeiras aparições regulares, em 1903, nunca deixou de ser praticada, embora nem sempre contasse com espaços adequados para a sua realização. O futebol foi a única atividade que conseguiu se firmar na cidade, pois sempre contou com ligas e clubes das elites e populares que mantinham mesmo de forma irregular a existência de certames. Já o críquete e o remo enfrentavam muitas dificuldades para a sua consolidação. Enquanto que o primeiro era muito restrito aos ingleses residentes em Salvador, o segundo chegou até a contar com alguns clubes e uma Liga, mas devido ao alto custo de estruturação com a compra de equipamentos teve, entre 1905 e 1912, um curto período de realização de regatas, retornando de forma sistemática ao cotidiano esportivo da cidade apenas nos 1920.¹ Finalmente, existiam a natação e o tênis que raramente eram noticiados na imprensa, ocorrendo no interior de alguns poucos clubes esportivos locais.

Até meados de 1910 a descontinuidade do desenvolvimento de uma cultura esportiva em Salvador pode ser observada na sua relação com a imprensa. Quando do surgimento das primeiras ligas de futebol e remo, entre os anos 1904-8, não existia uma cobertura regular,

¹ Os primeiros clubes de remo como Clube de Regatas Itapagipe (1902) e Clube de Regatas e Natação São Salvador (1902) fundaram a Federação de Clubes de Regatas da Bahia (1904) responsável pela realização das chamadas Grandes Regatas que ocorriam anualmente na península de Itapagipe.

tampouco específica das atividades esportivas pelos jornais.² Apareciam através das colunas sociais, juntamente com notícias de casamentos, soirées e outros eventos. Nos principais jornais da cidade, nos primeiros anos da década de 1910, são raras as informações sobre as práticas esportivas, o que não quer dizer que elas inexistissem.

A presença do esporte na cidade e a sua cobertura na imprensa parecem mudar substancialmente a partir da segunda metade dos anos 1910 acompanhando o desenvolvimento da cultura urbana de Salvador. Entre 1912 e 1916, J. J. Seabra assumiu o governo do Estado e empreendeu uma série de reformas estruturais na capital (LEITE, 1996). As intervenções promovidas pelo governador, além de apresentar uma nova espacialidade urbana, contribuíram com uma nova dinâmica nas relações sociais e no cotidiano dos soteropolitanos. A construção da Avenida Sete e a reforma da Rua Chile foram duas das principais obras da gestão de J. J. Seabra. Estes logradouros tinham as suas configurações inspiradas na construção da Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, em 1904, e se tornaram, nas décadas de 1910 e 1920, nos principais pontos de encontro das elites da cidade, com seus cafés, soverterias, bares e outras lojas que atraíam homens e mulheres que viam nestes espaços um local para flertes, *footing* e outras formas de lazer (LEITE, 1996).

Em 1920, especialmente o futebol vivenciou um crescimento significativo com a fundação da Liga Bahiana de Desportos Terrestres, a LBDT, que organizava os principais campeonatos de futebol da cidade contando com clubes oriundos de diversas camadas sociais que existiam desde o início do século em outras ligas. O principal certame da entidade, em alguns anos, chegou a contar com mais de dez grêmios divididos em duas divisões intensificando a presença do jogo na capital baiana de modo inédito devido a realização de partidas aos domingos praticamente durante todo o ano. (SANTOS, 2012)

A absoluta maioria dos jogos da LBDT ocorria no Campo Graça, construído em bairro homônimo, em 1920, e considerado o primeiro estádio moderno da Bahia, contando com arquibancadas, camarotes, vestiários, área de circulação e estacionamento para automóveis.³ O surgimento da praça esportiva encontra-se no mesmo contexto de crescimento urbano que,

² Nos jornais da cidade, as notícias esportivas eram dispostas nas colunas sociais ou como notas soltas em diversos espaços do periódico. Muitas vezes os próprios esportistas pagavam ao jornal para publicar uma nota sobre a realização de uma partida, regata ou treino.

³ O estádio foi construído pela iniciativa privada através da Sociedade Anônima A Desportiva Bahiana que era liderada por dirigentes de alguns clubes elitizados de Salvador.

em alguma medida, influenciou a própria construção do estádio. Bem como as novas ruas e avenidas resultado das reformas urbanas de J. J. Seabra, o estádio era uma construção pensada para ser um marco, uma referência na cidade que estimulasse as pessoas a interagir com a cidade. A sua localização, no centro de Salvador, buscava favorecer o encontro regular de pessoas, constantemente tornando o espaço público um lugar, não só de trânsito, mas, sobretudo, de convergência.

A Semana em revista

Apesar da gradativa consolidação de uma cultura esportiva na cidade e do aumento da atenção dos jornais e revistas para com aquela, a cobertura ainda não era tão detalhada ou específica. Os esportes eram apreendidos mais como um grande evento social que possibilitava a reunião de amigos e famílias. As seções das principais revistas ilustradas locais, como *A Renascença*, preocupavam-se mais em estampar fotografias dos encontros esportivos, acompanhados de poucos textos que descreviam a beleza das torcedoras e seus vestidos e, no máximo, apresentavam alguns dados sobre os jogos. Já os jornais cobriam os certames de forma um pouco mais detalhada, embora o maior interesse fosse deixar o leitor a par dos resultados das partidas e da classificação dos clubes naqueles.

A *Semana Sportiva* parece surgir justamente para suprir uma lacuna na imprensa soteropolitana ao ser o primeiro periódico exclusivamente dedicado aos esportes, apreendendo-o não apenas como um evento social, mas, principalmente, enquanto um universo autônomo, dotado de lógica e temporalidade próprias, como um calendário, eventos, instituições e personalidades. Embora o futebol, o remo e outras atividades atléticas tivessem uma relação com as esferas políticas, cívicas e religiosas, não dependiam destas para o seu funcionamento e efetivação. Segundo Georges Vigarello (2011: 245), “pela primeira vez, um lazer profano impõe um programa e uma temporalidade autônoma.” Consequentemente a originalidade do esporte exigia um espaço exclusivo para difusão, discussão e debates dos acontecimentos e fatos deste universo.

A *Semana Sportiva* foi idealizada pelos editores Celestino Britto e Mário Oliveira.⁴ No editorial do seu primeiro número, são evidentes as intenções do empreendimento e o contexto da sua emergência. Para os fundadores, o semanário:

(...) vem preencher uma lacuna sensível no nosso meio esportivo; muitas tentativas tem-se feito neste sentido, vários grupos tem-se disposto a esse *desideratum*, porém a vida dos órgãos aparecidos têm sido efêmera, tem a duração da rosa de “Malherbe.”

As várias fases por que tem passado o esporte aqui, grandemente tem contribuído para que não tenhamos um órgão genuinamente esportivo, não obstante a vontade firme dos entusiastas dos esportes, graças aos quais tem ressurgido depois de certos períodos de letargia.

O ground da Graça veio dar impulsos a este ressurgimento e nós para que mais se avive o esporte, para que chegue ao conhecimento de todos, aqui estamos, para a notícia minuciosa da vida esportiva (...).

(...) Vimos do esporte e só para ele viveremos, animando o que existe e amparando o que surgir, porque cremos que o esporte não é somente um divertimento, que além do desenvolvimento físico muito contribui para a moral (...).⁵

De forma evidente, o texto não deixou de ratificar a ideia de que os esportes, mais do que um lazer desprezioso, era um fenômeno sério, de grande importância para o desenvolvimento físico e moral da sociedade e por isso deveria ser abordado de uma forma privilegiada. Assim, logo no seu primeiro número, os editores deixavam claro qual era o lugar, papel e valor do semanário na imprensa local, diferenciando-se dos outros periódicos e justificando a existência daquele empreendimento.

O editorial também lembrou que as tentativas de criar um periódico exclusivamente esportivo foram infrutíferas justamente pela dificuldade das atividades esportivas desenvolverem-se de forma contínua na cidade. Os editores citaram a construção do Campo da Graça como um divisor de águas na cultura esportiva de Salvador que, em alguma medida, também contribuiu para o surgimento da própria revista. Além de abrigar os jogos da LBDT, o estádio comportava diversas cerimônias esportivas, como olimpíadas locais, paradas e desfiles. Enfim, em praticamente todos os finais de semana existia algum evento no Campo da Graça, o que intensificava a presença do esporte no cotidiano soteropolitano.

Dos 175 números publicados entre 1921 e 1924, foram localizados 150, sendo que ainda não foi possível identificar se a *Semana Sportiva* deixou de circular naquele último ano.

⁴ Ainda não temos dados biográficos sobre estes homens. Entretanto, alguns colaboradores da revista, como Benjamim Bompert, pertenciam àquela entidade o que nos faz supor que o empreendimento dos editores não se encontrava a parte da imprensa da cidade.

⁵ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 1, 9 de abril de 1921, p. 3.

Como ainda não foram lidas sistematicamente todas as edições do semanário, não é possível fazer conclusões mais abrangentes, de modo que este texto apresenta algumas das primeiras impressões da leitura do conteúdo e do formato da revista, sobretudo a partir da análise das edições do primeiro ano e de números dos anos subsequentes.

Como o título sugere, a revista tinha uma periodicidade semanal e contava com 20 páginas por edição. Ao longo dos anos algumas edições especiais foram publicadas que ultrapassaram as 60 páginas. Destaque para o número 117, lançado no dia 21 de julho de 1923, dedicado ao centenário de Independência da Bahia e o número 159, que saiu em 2 de julho de 1924 e que homenageava o Club Bahiano de Tênis, retratando sua história e feitos no universo esportivo de Salvador.

No que tange a sua estruturação, ao menos nos dois primeiros anos a revista, com poucas variações, apresentou a seguinte configuração: contava uma capa colorida quase sempre estampando uma imagem de uma partida ou regata, fotografia de atletas e torcedores. O título era disposto acima da imagem, algumas vezes em letras garrafais ou de forma desenhada. Das vinte páginas que compunham a maioria dos números, três eram destinadas a propaganda: sempre a segunda, terceira e quarta capas, situação que gradativamente alterou-se e as edições passaram a contar com propagandas também no seu interior. Nos exemplares pesquisados, anúncios de carros da marca Dodge e cigarros da empresa Leite & Alves eram os mais numerosos. Não é estranho encontrar nas páginas da *Semana Sportiva* propagandas destes dois produtos que, nas décadas iniciais do século XX, traziam a marca da cultura moderna: os anúncios de veículos passavam a ideia de força, potência e velocidade, enquanto alguns estudos indicam como o ato de fumar era valorizado como prática de homens saudáveis e elegantes, a exemplo do próprio esporte (SANTOS, 2000).

Além dos anúncios, a revista possuía editorial sempre publicado na terceira página, tratando-se de um texto geralmente expressando a opinião dos editores do semanário sobre um fato do campeonato, a situação do esporte na cidade, a visita de alguma embaixada esportiva, entre outros assuntos. Vale destacar que algumas vezes o editorial era assinado por Amado Coutinho o que indica a importância deste intelectual dentro do periódico.

No seu interior a revista apresentava um rol bastante diverso de matérias, reportagens, entrevistas, artigos, crônicas e, principalmente, notas locais, regionais, nacionais e internacionais sobre práticas esportivas, resultados de jogos, entre outros fatos. Seguramente o

que marca o conteúdo do periódico é o seu caráter noticioso que pode ser confirmado no seu subtítulo: “humorística, sportiva e noticiosa.” Ressalte-se que o tamanho das notícias, o seu formato e disposição no periódico ocorria de forma aleatória, ao longo das páginas e ao sabor da conjuntura esportiva local, nacional e internacional. Note-se, ainda, que os leitores costumavam escrever e solicitar notícias esportivas de outras localidades, como atesta nota intitulada “Correspondência” na qual os editores se queixavam de correspondências não assinadas:

Os que nos mandam cartas, pedimos o obsequio de as assinarem.

Que custa isto fazer?

(...) Aqui não se abriga malquerença, vimos para os esportes e por consequência para o prazer, para a alegria e portanto... E mesmo nas cartas que aludimos inserem coisas tão singelas, tão simples, umas lembrando os jogos de S. Paulo, outras de pontos mais ou menos semelhantes, nem se quer, ao menos, se refere a indivíduos ou agremiações daqui e porque não assinam?

Por exemplo, o que nos pede para dar o resultado de S. Paulo, temos a responder que no domingo foi que principiou o campeonato.⁶

Parece razoável supor que notícias de outras localidades respondiam às solicitações de leitores, que desejavam estar ao corrente de acontecimentos esportivos além das fronteiras baianas. Não custa lembrar existiam em Salvador muitos ingleses, bem com alguns franceses e alemães, como atestam alguns estudos (BARRETO; ARAS, 2003). Ademais, a cidade contava com a Faculdade de Medicina, que recebia muitos estudantes de outros estados. Enfim, pessoas oriundas de outras regiões eram potenciais leitoras da *Semana Sportiva* que, por sua vez, atendia suas expectativas com a publicação de notícias esportivas de outras cidades e países, o que a diferenciava de outras revistas com conteúdo esportivo apenas local.

Embora a revista tivesse uma atenção especial ao conteúdo de caráter noticioso, é possível encontrar em suas páginas algumas seções, apesar destas nem sempre terem presença constante ou surgissem para contemplar alguma questão do momento. Nos primeiros anos identificamos as intituladas “Perfis Femininos”, “Confidências”, “O Campeonato da Cidade”, “Dizem que” e “Foot-ball Association – Problemas, Notas e Comentários”.

A duas primeiras seções envolviam o público feminino. “Confidências” tratava-se de um questionário que uma leitora, cujo nome era ocultado pelas suas iniciais, respondia perguntas simples, do tipo: qual o jogador favorito, o que mais gosta e detestava no futebol, para qual time torcia. Já a “Perfis femininos” era mais detalhada, composta de um texto em

⁶ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 5, 8 de maio de 1921, p. 16.

que em que o colunista discorria algumas características físicas e sociais de mulheres soteropolitanas e estrangeiras, torcedoras das arquibancadas do Campo da Graça, com a intenção de que os leitores reconhecessem quem era a retratada. Além das dicas, o colunista sempre intitulava o seu texto com as iniciais da referida senhorinha.

Ambas as seções apontam que os editores da *Semana Sportiva* preocupavam-se com o público feminino, potencial leitor da revista e que não era nada desprezível. Os números de outros anos do semanário costumavam publicar fotografias de mulheres esportistas, além de estampar imagens de torcedoras. O interesse dos editores pelo público feminino tem relação com o próprio contexto de início de século XX no qual, gradativamente, as mulheres da elite adentraram o espaço público (BARREIROS, 1997). Os esportes contribuíram para a intensificação da presença feminina nas ruas, praças, estádios e outros ambientes da cidade, ainda que de modo muito controlado e restrito. Alguns estudos, como o de Victor Melo (2007), demonstraram como uma cultura esportiva possibilitou a experimentação de novas formas de ser e estar na sociedade e o consumo de novos serviços e produtos por parte das mulheres, além de integrarem-nas em uma atmosfera de valorização da nova estética corporal (SPCHUN, 1997). Ao que parece, os editores da *Semana Sportiva* ao perceberem a gradativa inserção feminina no espaço urbano e esportivo, buscaram contemplá-las com a produção de um conteúdo específico muitas vezes reivindicado por um determinado grupo de mulheres o que também proporcionava algum lucro comercial.⁷ Ao longo dos anos, os responsáveis pelo semanário passaram a publicar material textual e iconográfico de mulheres que não só assistiam aos eventos esportivos como também praticavam algumas atividades como o tênis e a natação. Enfim, está era uma política editorial que significativamente diferenciava a *Semana Sportiva* dos outros periódicos ilustrados que tinham uma visão muito masculinizada mundo esportivo, no qual as mulheres muitas vezes assumiam um papel coadjuvante de meras expectadoras.

O “Campeonato da Cidade” era a principal seção da revista, presente em praticamente todos os números analisados. Quase sempre aparecia na quinta página, chegando a ocupar as duas próximas em algumas edições. Tratava de aspectos da última rodada do campeonato da LBDT, com a escalação dos times, número de gols marcados, principais jogadas, enfim a

⁷ Ao longo de algumas edições é possível observar o aumento do interesse da revista pelas leitoras. Uma evidência foi a realização de um concurso que elegeu a mais linda torcedora do Campo da Graça.

ficha técnica dos jogos. Além disso, a seção antecipava as principais informações sobre a rodada seguinte, com palpites sobre os próximos jogos, destaques das equipes, bem como os seus pontos fortes e fracos. Era, pois, uma espécie de guia detalhado, que buscava deixar o leitor atento ao desenrolar do certame. Ressalte-se que a seção não era o único lugar onde eram publicados dados sobre as rodadas. Os editores traziam fotografias, entrevistas e opiniões de esportistas sobre os jogos do certame contribuindo para que a rubrica fosse enriquecida com outras informações. Tal dinâmica parecia ser uma estratégia que, além de aumentar o conteúdo da revista, obrigava o leitor a folheá-la quase que completamente a procura de informações sobre o seu time e a situação do mesmo no campeonato.

As seções “Dizem que” e “Humorismo da Semana” guardavam forte relação com o projeto inicial da revista e constituíam-se numa série de pequenas frases, anedotas, “causos” e chistes marcadas pelo humor, a oralidade e tom informal, que ocupava metade ou um terço de uma página. Em uma anedota na “Humorismo da Semana” nota-se um diálogo no qual um interlocutor pergunta ao goleiro Baby da seleção baiana de futebol como ele conseguiu “engolir” três gols do time do América, do Rio de Janeiro. Ele responde que “estava pensando em “manteiga” quando a bola veio e escorreguei...”⁸ Neste caso, o pano de fundo da história foi o jogo entre um combinado baiano e o América. Este último foi convidado pela LBDT para uma série de amistosos em Salvador, numa tentativa de demonstrar a força esportiva da Bahia, em uma operação de fortalecimento de uma identidade regional. Algumas vezes, certas matérias da revista criticavam a LBDT por não ter organizado um time bem treinado para enfrentar os cariocas. Conseqüentemente, o combinado baiano foi derrotado. Logo, a anedota é uma sátira em tom crítico ao goleiro Baby que sofreu alguns gols do atacante do América, cujo apelido era Manteiga, o que explica o uso do trocadilho.

Vale destacar que não necessariamente o conteúdo destas seções era verídico, sendo provável boa parte dele fosse representações, de forma bem humorada, dos acontecimentos que estavam na ordem do dia. É possível encontrar notas, anedotas e diálogos não só nestas seções, mas, sobretudo, em várias páginas da revista, de forma aleatória, e em todas as edições analisadas até o momento. O estágio inicial da leitura sistemática não permite afirmar com segurança se esta forma de dispor o conteúdo se constituía enquanto um elemento

⁸ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 26, 2 de outubro de 1921.

inovador/moderno na configuração da *Semana Sportiva* ou se era um recurso utilizado para preencher o periódico diante da sua incipiência. Em algumas anedotas publicadas fora das seções, fica a impressão de que a revista parecia usar notas e pequenos diálogos como um modo de facilitar a sua diagramação. Talvez sobrasse muito espaço após a colocação das notícias principais que poderia ser preenchido com alguma frase, chiste ou “causo”. Por outro lado, esta forma de dispor o conteúdo através de uma narrativa oral e informal poderia ser uma estratégia que atrairia um público nem sempre alfabetizado, mas que possivelmente teria contato com a revista através de leituras coletivas, um fenômeno comum no início do século no país diante do alto índice de analfabetismo. (CRUZ, 2000)

Finalmente, a seção “Foot-ball Association – Problemas, Notas e Comentários” é um exemplo da transitoriedade do conteúdo da revista. Na leitura de outras notas e notícias da *Semana Sportiva* ou mesmo de alguns textos presentes em “O Campeonato da Cidade” não raramente encontramos críticas aos juízes e ao comportamento de jogadores e torcedores. Os responsáveis pela revista imaginavam que muitas das tensões ocorridas no cenário esportivo local eram por puro desconhecimento de regras básicas e elementares do futebol, de modo que a seção expressava um desejo do periódico de educar os leitores incentivando o conhecimento das regras pelos mesmos, imaginando que esta atitude poderia atenuar alguns conflitos.

Por dentro da Semana: esporte, mercado e eugenia

A princípio, no que tange ao conteúdo da revista, o que transparece de modo inequívoco é a tentativa dos seus editores contribuírem para o fomento de uma cultura esportiva na cidade, sugerindo o surgimento de novas práticas esportivas e defender a ideia do esporte enquanto atividade nobre, amadora e regeneradora da sociedade.

De início, vale destacar que uma das bandeiras dos editores e colaboradores era não restringir a prática esportiva da cidade apenas ao futebol que era a principal atividade local. No primeiro ano e, especialmente, no segundo, a *Semana Sportiva* publicou sistematicamente notícias sobre as mais diversas modalidades atléticas no país e no mundo.

Uma das atividades bem difundidas foi o boxe. Em diversos números, publicaram-se notícias de lutas entre grandes boxeadores no mundo, anedotas sobre lutadores, dados dos campeões mundiais das diversas categorias no boxe. Veja-se matéria intitulada “Lições de Boxes – alguns conselhos úteis,” que trazia lista de golpes e movimentos da luta:

Toda a gente hoje fala em box, lê coisas sobre box, discute box, refere-se a golpes com os respectivos nomes técnicos... Mas o caso é que poucos falam com conhecimento de causa. E é bastante ver o que, em resumo, diz um autorizado conhecedor desse sport – síntese do que sejam as atitudes e os ataques do boxeur. Os golpes principais são esses que aí vão definidos. Dentro deles está contida a regra do box:

O direto é dado em direção ascendente para o rosto, estômago, coração, tendo-se o pé direito avançado.

(...) Alguns conselhos: cerrar os dentes, ser calmo, não contrair os músculos, ter o corpo solto, bater seco e curto. Olhar o cara do adversário, nunca fechar os olhos.⁹

Em outros momentos, os editores queixavam-se da inexistência de uma política governamental visando o desenvolvimento do boxe na Bahia e no Brasil. Tal insatisfação era justificada pelo fato de outros países próximos do Brasil já terem criado entidades responsáveis por gerir esta prática. Para reforçar o argumento, a *Semana Sportiva* divulgou uma notícia sobre o avanço do boxe na Argentina, que já contava com uma Federação:

Enquanto entre nós nada fizemos ainda pelo box, que nem sequer foi regulamentado, na Argentina já está tudo perfeitamente organizado. Diante das garantias oferecidas, inúmeros boxeadores de valor estão na Argentina, cuja população, já está afeita aos matches de box, realizados com todas as garantias para o público, para os jogadores e para os organizadores.¹⁰

O interesse dos responsáveis pela *Semana Sportiva* pelo boxe pode ser justificado no contexto internacional de emergência da espetacularização das atividades esportivas, no qual o boxe estava inserido. Em 2 de julho de 1921, por exemplo, ocorreu uma luta entre Jack Dempsey e Georges Carpentier. Realizado em Nova Jersey com uma assistência de mais de noventa mil pessoas, este embate foi considerado como maior de todos na época, sendo o primeiro a ser transmitido pelo rádio e ter gerado um faturamento de mais de 1 milhão de dólares. Por todos estes números a luta teve uma repercussão global, se constituindo enquanto um evento embrionário dos grandes espetáculos esportivos, pela forma como foi promovido (WALTZER, 2011).

A emergência do boxe como uma atividade esportiva lucrativa também pode nos ajudar a problematizar outros potenciais motivos para os editores do semanário estimular o conhecimento e práticas de novas atividades atléticas em Salvador. Para além do desejo em inserir a cidade em uma cultura esportiva, exista um possível interesse comercial por parte dos donos do periódico. Ao difundir novas modalidades, crescia a demanda dos leitores pelo

⁹ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 35, 3 de dezembro de 1921.

¹⁰ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 41, 14 de janeiro de 1922.

conhecimento das mesmas que era suprida pela própria revista. Em outras palavras, o conteúdo relacionado a esportes que eram incomuns em Salvador poderia gerar uma curiosidade em conhecê-los, sendo necessária a compra da revista que era a única na imprensa da cidade a produzir um material mais detalhado. Assim como o boxe, em outras edições da *Semana Sportiva* foram encontradas reportagens que apresentavam noções básicas atletismo, natação entre outras práticas.

Além de tentar criar um ambiente favorável ao cultivo de novas modalidades esportivas, a partir de interesses diversos, Celestino Britto, Mário Oliveira pareciam defender o retorno de práticas que em Salvador passavam por um momento de ostracismo. Este era o caso do remo que durante os anos 1900 conheceu o seu auge com a realização das regatas anuais na enseada dos Tainheiros e o declínio na década seguinte.

Nos anos 1920 a cultura esportiva em Salvador conheceu um período de desenvolvimento que se iniciou em meados da década anterior quando diversos clubes e ligas foram fundados. Entretanto, o remo não acompanhou este processo, de modo que alguns membros da imprensa esportiva soteropolitana não entendiam porque existia uma dificuldade de ressurgimento náutico. O artigo denominado “Pelo esporte náutico!”, além de incentivar o retorno da prática sistemática do remo dá indícios que explicam o motivo da permanência do ostracismo da atividade:

É triste, é lamentável que numa terra como a nossa, dotada de tanta gente que faz figura e que dispõe, conseguintemente, da massa, só tenha esta gente interesse pelas coisas que vendem, e aumentam seus capitais. A prova disso temos com as regatas na Bahia, que continuam no esquecimento sem uma esperança de ressurgimento verdadeiro.

O *foot-ball* tomou conta da Bahia por ser mais rendoso, constituindo-se em bom negócio atualmente para os que podem dele tirar os melhores proventos.

As regatas, porém, não dão o mesmo resultado, mas não dão também prejuízo, a questão é que haja quem se disponha a fazer da bela enseada dos Tainheiros um verdadeiro ponto onde se possa praticar o lindo e útil esporte.

Levante-se ali uma espaçosa arquibancada de grandes dimensões e que possa comportar alguns milhares de pessoas, sem luxo, mas sólida e já temos lucros que compensarão as despesas. Não será decerto como o *foot-ball* que todos os domingos e dias feriados dá para encher as burras dos felizardos, mas antes de tudo trataremos de amparar o esporte, claro está que sem prejuízos, mas sem a usura dos grandes lucros.

Como uma coisa meramente comercial é que não, absolutamente.¹¹

¹¹ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 38, 24 de dezembro de 1921, p. 8.

O texto informa que o descrédito dos esportes náuticos em relação ao futebol ocorre pelo seu possível fraco potencial comercial. Este é um indício revelador do processo de formação de um mercado em torno das práticas esportivas, em Salvador, que gradativamente passaram a ser concebidas não só enquanto atividades que favoreciam a constituição de sociabilidades urbanas, mas, sobretudo, ofereciam oportunidades de lucro.

A crítica ao descaso dos dirigentes esportivos locais pelo esporte náutico presente no texto é um indicativo de que nos auxilia a perceber que os responsáveis pela *Semana Sportiva* tinham um discurso, ao menos formal, que enxergava esporte enquanto uma atividade nobre e, portanto, não deveria ter como fim o lucro, mas o desenvolvimento físico e moral dos seus praticantes. Neste sentido, a apreensão dos esportes na *Semana Sportiva* também seguia a lógica do amadorismo que os entendia como:

(...) uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("*will to win*"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras - é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 1983, p. 140).

Assim, o esporte prepararia o espírito dos praticantes para a vida moderna, marcada pela competitividade típica das sociedades capitalistas, mas contraditoriamente preservando elementos advindos de uma cultura aristocrática como o respeito, a lealdade e o cavalheirismo. Portanto, um atleta ou um dirigente, ao se envolver com o mundo esportivo, não deveria ver nele uma possibilidade de lucro.¹²

Por outro lado, embora os editores da revista defendessem a bandeira do amadorismo no esporte, é provável que o seu interesse pelo ressurgimento do remo também guardasse relações com a tentativa de produzir um conteúdo não só restrito ao futebol e com um potencial valor comercial. É possível que existissem adeptos das atividades náuticas que não tinham um poder econômico para estruturar a prática na cidade. Talvez os editores da revista apoiassem o ressurgimento do remo por sentir uma demanda destes sujeitos, potenciais consumidores da revista que passaria a ter um conteúdo esportivo náutico para contemplá-los. Finalmente, outra hipótese é que poderia existir uma relação amistosa entre os responsáveis da revista e os dirigentes esportivos mais interessados pelo esporte náutico de modo que o

¹² É possível localizar no semanário várias críticas a um comportamento considerado inaceitável pelos editores. Um exemplo foi a publicação de uma matéria noticiando a proibição de jogos de azar nos clubes esportivos de São Paulo. De título "Precisamos imitar" sugeria que esportistas baianos seguissem a atitude dos paulistas.

apoio do semanário poderia ajudar o remo a ter o mesmo prestígio que o futebol, consequentemente angariando um maior lucro.

De toda sorte, mesmo com possíveis interesses comerciais na divulgação de novas práticas como o boxe ou reestruturação de modalidades já conhecidas pelo público de Salvador, a exemplo do remo a, análise de várias edições da *Semana Sportiva* indica que os seus responsáveis e colaboradores visavam fomentar o desenvolvimento de uma cultura esportiva na cidade marcada pelo fortalecimento físico e moral, sobretudo em decorrência do contexto pós-primeira guerra mundial. (SEVECENKO, 1992) Para além de oferecer novas formas de sociabilidade e de convergência social, as práticas esportivas passaram a ser vistas pela imprensa como necessárias à inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico de desenvolvimento do corpo, de regeneração da raça, assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico. A guerra contribuiu para esta dimensão dos esportes, uma vez que “também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu boom, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas” (SEVCENKO, 1994: 33).

Uma estratégia editorial em que fica evidente a tentativa fomentar uma cultura do engajamento físico e também obter algum lucro refere-se ao fato de Celestino Britto e Mário Oliveira difundirem a prática do atletismo que era muito pouco praticada em Salvador por alguns clubes, embora fosse considerada uma das mais recomendadas para o desenvolvimento harmônico do corpo e da moral masculina. (PARK, 2007) Um dos textos da revista chega a enumerar as vantagens das corridas, salto em distância entre outras modalidades do gênero:

Dentre todas as manifestações da atividade desportiva, o atletismo é a mais bela, a mais emocionante e a mais expressiva.
O atletismo é que melhor revela o grau de adiantamento desportivo de um povo!
O atletismo é que concorre mais eficientemente para o desenvolvimento físico de uma raça
O atletismo é que contribui mais facilmente para a propaganda de um país.
O atletismo é o desporto que mais diretamente atinge os fins visados pela cultura física. Apearhar o organismo para a luta pela vida; dar-lhe a velocidade que vence o tempo, a agilidade que evita os tropeços, a força que remove os obstáculos, a resistência que transpõe as distâncias.
O atleta é mais útil à Pátria que o perfeito soldado
De um bom atleta pode-se fazer com facilidade, um excelente soldado.
Trabalhem os nossos músculos, cultivemos a nossa energia, pratiquemos o atletismo.¹³

¹³ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, Nº 43, 28 de janeiro de 1922.

No texto é inequívoca a ideia de que a prática do atletismo é importante, pois contribui para o fortalecimento corporal, por sua vez imprescindível para a preparação dos exércitos. Neste sentido, o esporte assumia uma dimensão de fortalecimento de uma identidade nacional a partir de um viés, eugênico, pedagógico e militar. Alguns estudos indicam que a apropriação das atividades atléticas pelo militarismo ocorre principalmente no período entre guerras, quando os poderes públicos buscavam estratégias para aprimorar os exércitos física e mentalmente para o caso de possíveis futuras guerras (VESCOSI, 2003).

Pela defesa do atletismo, uma estratégia editorial era reservar amplo espaço em suas páginas para iniciativas de clubes que se envolvessem com a atividade. Este era o caso do Yankee Foot-ball Club, fundado, em 1914, e que gozava de um bom prestígio da *Semana Sportiva*, pois era a primeira agremiação da cidade a ter no seu programa a prática do atletismo. Inclusive, o clube organizou a primeira maratona da Bahia, realizada no dia 9 de outubro de 1921. O evento foi amplamente divulgado pelo semanário que publicou o programa da corrida, bem como entrevistas com dirigentes do clube explicando o evento. Vale destacar que, para além do apoio dos editores da *Semana Sportiva* às atividades do Yankee em defesa de uma suposta cultura eugênica no esporte, havia também uma relação de camaradagem entre Celestino Brito e Mário Oliveira para com os dirigentes do clube, especialmente, Aroldo Maia que também era redator esportivo da revista *A Renascença*. Enfim, reservar amplo espaço para as iniciativas do Yankee parecia ser uma boa estratégia dos editores da *Semana Sportiva*, pois além de ratificarem a sua defesa do papel regenerador do atletismo também estreitavam laços de solidariedades com outros membros da imprensa.

Referências bibliográficas

BARRETO, Maria Renilda Nery e ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, ciências, saúde-manguinhos*. vol. 10, n. 1, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, p. 140.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em tinta e papel: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo, Educ / Fapesp, 2000.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo, Editora da UNESP, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GAMA, M. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, 2000.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

MELLO, Victor Andrade. (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 54, vol. 27, 2007.

OLIVEIRA, Cláudia de, VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PARK, Roberta J. Biological thought, athletics and the formation of a ‘man of character’: 1830–1900. *The International Journal of the History*. vol. 24, n° 12, 2007.

SANTOS, Edgar Souza: *Elegância e saúde: as representações da prática de fumar na propaganda -1910 – 1940*. Dissertação (Mestrado História) PUC São Paulo, 2000.

SANTOS, Henrique Sena dos. *“Pugnas Renhidas”: futebol cultura e sociedade em Salvador, 1901 - 1924*. Dissertação (Mestrado em História). DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana. 2012.

SANTOS, Henrique Sena dos. As elites e os clubes esportivos em Salvador, 1899 - 1924. *Veredas da História*, v. 1, 2011.

SANTOS, José Wellington Aragão. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Salvador, 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — FFCH, UFBA, 1985.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. *Revista USP*, n.22, jun/agos, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain. (org.). *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

WALTZER, Jim. *The Battle of the Century: Dempsey, Carpentier, and the Birth of Modern Promotion*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2011.